

ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: A ARTE RECRIANDO ÉTICA EM SAÚDE MENTAL

Aesthetics of existence: The arts recreating ethic in mental health

Alexandre Semeraro de Alcântara Nogueira¹

José Jackson Coelho Sampaio²

Soraia Cassino Rodrigues³

Artigo encaminhado: 14/03/2016

Aceito para publicação: 04/10/2018

RESUMO: Ética, estética, política e ciência. Ética do cuidado em saúde; Estética da existência; Política do cotidiano; Ciência intuitiva, implicada e crítica. Eis os aportes deste ensaio teórico atravessado pela Saúde Mental e Arte. Ele é apresentado a partir de reflexões e composições de práticas, concebido como possibilidade de conhecimento, aprendizagem e experimentação não representável da vida, mas produtora de vida. Seu objetivo é tensionar e expandir traçados das práticas de cuidado em saúde, expostos pelo processo de atividades com arte, realizados num CAPS AD, da cidade de Fortaleza - CE, entre 2008 - 2010. Seu formato de apresentação indireto é uma estratégia fragmentária, visa ampliar aspectos subjetivos, lúdicos e culturais, realizando uma diluição e fusão entre o saber popular e o científico. Uma imagem-movimento com planos de linhas coexistentes, num espaço-tempo anunciador de liberdade, rigor e inventividade; com resistência ao conclusivo, linear, acabado e fixo.

Palavras-Chave: Saúde Mental. Ética do cuidado. Estética da existência. Composição. Experimentação.

ABSTRACT: Ethics, aesthetics, politics, and science. Health care ethics; Aesthetics of existence; Everyday politics; Intuitive Science, involved and critical. Here are the contributions of this essay crossed by the Mental Health and the Arts. It emerges from discussions and practices, designed as possibility of knowledge, learning and unrepresentable life experiences, but life-giving. Its goal is to tighten and expand paths of health care practices exposed by processual activities with art, performed in a CAPS AD of the city of Fortaleza – state of Ceará, Northeastern Brazil, from 2008 - 2010. Its indirect presentation format is a fragmentary essayistic strategy that aims to enlarge subjective, entertainment, and cultural aspects, promoting a dilution and a fusion between popular and scientific knowledge. A motion-image with coexisting plan lines in a space-time announcer of freedom, rigor, and inventiveness; with resistance to the conclusive, linear, finished, and fixed.

Keywords: Mental health care. Ethics. Aesthetics of existence. Composition. Experimentation.

¹ Doutor em Saúde Coletiva AA UFC/UECE/UNIFOR. Psicólogo. Universidade Estadual do Ceará. semeraro_alex@uol.com.br

² Doutor em Medicina Preventiva FMRP/USP. Professor do PPG em Saúde Coletiva/Universidade Estadual do Ceará. jose.sampaio@uece.br

³ Especialista em Saúde da Família e Comunidade/UECE. Psicóloga. Coordenadoria de Educação Permanente em Serviço/ Prefeitura Municipal de Fortaleza. soraicassiano998@gmail.com

1 INDICAÇÕES DE UM TRAÇADO TEÓRICO

A entrada para esse trabalho é uma via indireta, um desvio⁴.

Saramago (2015) indaga: *E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?*

Nessas interrogações de Saramago, destacamos: 1. O conectivo *E* no início da primeira sentença; 2. As estruturas interrogativas das frases; 3. Histórias; 4. Crianças – adultos; 5. Aprender-ensinar; 6. Tempo.

Com essas duas sentenças, Saramago desconcerta e indaga os postulados de uma concepção fundada *a priori*, a partir de uma posição dada, num plano determinado. Poderia ser a ciência? A técnica? As práticas de cuidado em saúde?

E, junto às suas interrogações, abre um espaço reflexivo ao utilizar o conectivo *E*. Esse conectivo se alia e remete a algo anterior. Mas esse algo anterior não nos é dito, nem escrito e mostrado. No entanto, mesmo ausente, consta no enunciado. É anterior e, manifesta no presente, sua materialização propulsora. Ele é evocado pelo condicional *se*. Desse modo, Saramago liga acontecimentos, indaga-os no tempo presente, no *hic et nunc*.

Assim, há a junção de forças, apresentadas no presente: fraca porque é condicionada a o *se*, e forte porque alia os tempos do passado e do presente, de maneira indagadora e desconcertante. E nos usos das conjunções supracitadas “e” e “se”, bem como das indagações propostas por Saramago é que produzimos uma abertura, através de *histórias*; um segundo desvio.

Com essa abertura, aliado a Saramago, o indagar se desloca para o espaço-tempo do cuidar em saúde. E, assim, em paralelo perguntamos: *E se profissionais, estudantes e parceiros⁵ aprendessem-ensinassem a ouvir e escutar histórias, seriam eles capazes de cuidar de si, do outro e do mundo⁶ de maneira inventiva, criativa e coletiva?*

⁴ O termo desvio é em aproximação ao do filósofo Benjamin (1984, p.50), na obra *Origem do Drama Barroco*, quando afirma que *método é caminho indireto, é desvio*. O pensador versa, no capítulo introdutório dessa obra, sobre o conhecimento, apontando o distanciamento de uma ciência indutiva ou dedutiva, por via da apresentação, da exposição.

⁵ Há um entendimento geral nos serviços públicos de saúde do Brasil de denominar *usuário* todo cidadão acompanhado por qualquer equipamento de saúde (hospitais, clínicas especializadas, postos de saúde, residências terapêuticas, CAPS etc.). Consideramos mais adequado para esse ensaio o uso da palavra parceiro, pois o termo usuário é impregnado de estigmatização aos grupos culturais que fazem uso de substâncias psicoativas (drogas). Parceiro, a nosso ver, dilui o estigma social, reconhece a legitimidade da pessoa que faz uso de drogas e, conceitualmente, coaduna-se com a utilização feita por Winnicott (2000).

⁶Referência a Foucault nas últimas conferências apresentadas, transcritas e publicadas com o título *Hermenêutica do Sujeito*. Foucault almeja traçar como é formada a concepção de *epiméleia heautoû* (cuidado de si), reportando-se à Grécia antiga, demarcando uma estreita relação entre práticas corporais, políticas e espirituais, alargando a ligação entre si, o outro e o mundo na

A palavra “histórias”, para além de seus sentidos e significados, é um signo linguístico. E o seu uso, conforme seja feito, pode encharcar e produzir o inapreensível, mas potente para o alargamento da vida; assim como pode reduzir e prender em representações e conceitos. Por outro lado, somos e seremos atravessados de histórias e, essas podem favorecer o fluxo da inclusão, da autonomia, da liberdade e da equidade⁷. Mas, também, podem barrar esse fluxo. Podemos reconhecer as histórias contadas e propagadas como entradas inevitáveis para a produção de cuidados. E, isso se trata da delicada e contínua existência da vida, de uma possibilidade potencialmente demiúrgica de inventar e criar a si para consigo próprio, como campo de batalha e contínua produção estética da existência.

As histórias, tecidas pelos homens, são movimentos de alargamento e, também, estreitamento. Favorecem encontros, acolhimentos, afetos, vínculos, rivalidades e fluxos de confiança. Elas, longe de meras informações, agregam relações de poder e de forças, circunscrevem posições, traçam mentalidades, repassam valores, morais e veiculam visões de mundo e estilos de vida.

As histórias, indiscutivelmente, nos atravessam e, somos por elas atravessados. Somos afetados pelas suas linhas ativas e reativas, corriqueiras e excepcionais. As histórias são vestígios de narrativas. Elas compõem indiscutivelmente nossa produção humana, marcada, fundamentalmente, pela arte expressiva e pela oralidade.

Benjamin (1985) em dois ensaios versa sobre a narrativa e a experiência, quais sejam: *Experiência e pobreza* (1933) e *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1936). Segundo Benjamin, a narrativa está relacionada com uma reflexão crítica sobre a modernidade⁸, a experiência e a vivência.

produção de um cuidado de si. Destacamos um trecho de sua aula do dia 13 de janeiro de 1982 – Primeira hora: *qual é o único elemento que, efetivamente, se serve do corpo, das partes do corpo, dos órgãos do corpo e, por consequência, dos instrumentos e, finalmente, se servirá da linguagem? Pois bem, é e só pode ser a alma. Portanto, o sujeito de todas essas ações corporais, instrumentais, e da linguagem é a alma: a alma enquanto se serve da linguagem, dos instrumentos e do corpo. Chegamos pois a alma (Foucault, pp.69 – 70) (...) Não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo (Foucault, p.71).* Essa citação acima serve para a defesa de nossas práticas: a produção de fragmentos narrativos é o traçado do sec. XXI é a relação de poder e saber à potência ativa da linguagem-liberdade provisória da *epiméleiaheautoû*, *sem a qual se perde o elemento primordial da ética do cuidado em saúde, a estética da existência, a experiência (Erfahrung).*

⁷A equidade é um dos princípios do Sistema Único de Saúde – SUS. Ela visa assegurar acesso a todos e, a cada cidadão das ações e dos serviços de saúde, independentemente, da complexidade de cada caso, da região onde o indivíduo mora, com ou sem residência (pessoas que vivem em contextos de rua). Há diferença entre igualdade e equidade, isto porque, apesar de caber ao SUS atender a todos igualmente, sem privilégios quanto a sua necessidade, o princípio da equidade faz referência ao respaldo a cada cidadão, de acordo com suas prioridades, através da análise da vulnerabilidade de cada caso. Assim, a equidade objetiva diminuir as diferenças sociais, proporcionando atendimento desigual para necessidades desiguais, caracterizado com o princípio da justiça social.

⁸ Sobre como Benjamin concebe a modernidade, o artigo de D’Angelo (2006), intitulado *A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin* (p.55 – 75) é bastante elucidativo, pois sinaliza a relevância do fragmento para o pensador, numa crítica à modernidade e à história oficial, baseando-se na obra poética de Baudelaire. *O fragmento é visto, neste caso, como miniatura do mundo e*

O pensador escreveu o ensaio *Experiência e pobreza* a partir de uma parábola. Desse modo, ele desenvolveu um pensamento em torno da experiência, através da narrativa. A parábola utilizada por ele é uma estratégia com dois possíveis desdobramentos: 1. Apresenta em ato a narrativa; favorece a compreensão de suas características e 2. Contrapõe o conceito de experiência⁹(*Erfahrung*) ao de vivência¹⁰(*Erlebnisse*). Assim, ele demarca nossa limitação ética, nossa barbaridade e pobreza:

Nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1985, p. 115).

O enfraquecimento da experiência e seu extermínio são apresentados, expostos e anunciados nesses trabalhos de Benjamin, bem como retomados no artigo de Bondía¹¹.

Apesar da anunciação do extermínio da experiência, ainda insistimos na possibilidade de traçados de linhas de fugas¹² com a narrativa, não mais veiculada a uma concepção de tradição; mas, esfacelada por brechas de blocos de emoções, através de uma gagueira humana que desconcerta a fala linear do homem. Uma narrativa sem fio condutor, que produza alargamentos plurais de existência, a partir de composições paradoxais de restos de histórias, de fragmentos e pedaços de nossas afecções afirmativas e positivas da vida. Uma força narrativa ausente de representação pura, com frestas e fissuras à constituição de uma infância¹³ humana. Em experimentações e produções de práticas de cuidado que incitam a expansão da estética da existência.

Prossigamos na teimosia insistente e micropolítica de inventar entradas, com várias saídas. Desse modo, vamos agregar o CAPS AD na rememoração aliada de

representação do espírito de uma época. Em uma das transfigurações do poeta – o trapaceiro – observamos o mesmo interesse da criança pelo residual, pela sobra e pelo que foi jogado fora. Adotando um procedimento idêntico ao catar resíduos no lixo da história oficial(D'ANGELO, 2006, p.75).

⁹A experiência (*Erfahrung*) é caracterizada pela tradição e pela memória, garantidas na existência de uma coletividade, relacionados a um trabalho e um tempo partilhados, numa prática e numa linguagem comuns.

¹⁰A vivência (*Erlebnisse*) é caracterizada pelo processo individualista, advindo com a modernidade e com as terríveis catástrofes humanas, ocasionando a pobreza de experiências comunicáveis.

¹¹Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Campinas, N. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002.

¹² É importante esclarecer que linha de fuga, conforme Deleuze(1988): *É sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não é claro porque se imagina ou se sonha, mas ao contrário, porque se traça algo real, compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas fugindo, procurar uma arma* (p.40). Essas linhas de fuga são as que fogem da tentativa de uma totalidade e seguem outras direções. São formas abertas, sem ligação definitiva e heterogênea. São linhas de intensidade, apenas linhas de intensidade.

¹³A expressão infância aponta duas linhas: 1. Faz alusão à vida cronológica, marcadamente da criança; mas não exclusiva dela e 2. Recorre a etimologia da palavra infância, designada o in ausência de fala, de inabilidade necessária e de abertura, para rever a continuidade da vida, tanto de si, quanto do outro, quanto do mundo. Numa diluição entre sujeito e objeto, num deslocamento flexível de recolocar-se numa história inacabada, implicando-se e sendo implicado como narrativa de uma história da humanidade. Ver Kohan (2003; 2007); Gagnebin (1994; 1997); Schérer (2009); Agamben (2001; 2005).

processos com arte, em contínuos movimentos e intensidades, procurando alargar o que não se ousa descrever, mas delinear devires.

2 CONTINUIDADE SEM INÍCIO: O ACONTECIMENTO DO ACOLHIMENTO

Desconfiávamos de que a produção das práticas de cuidado, apenas com os nossos conhecimentos acadêmicos, fosse inoperante diante da tessitura plural de estilos de vida que propúnhamos a acompanhar no CAPS AD.

Inquietação e insegurança apontavam a cristalização e reprodução de um formato delimitado por manuais e regulamentações pré-estabelecidos; imitação e padronização do dado instaurado. Sem ousadia, nem criação...

As vidas que nos chegavam escapavam desses formatos, desafiavam nossa identidade profissional, consciência e razão instrumental. As leis, portarias e estudos¹⁴, estes realizados em contínuas noites depois do expediente de trabalho, nos desconcertavam a cada instante. Parecia-nos, às vezes, que os princípios¹⁵ preconizados pela reforma psiquiátrica brasileira eram divagações quiméricas, para além de nossas condições e possibilidades.

Realizar acolhimento, estabelecer vínculos, traçar projetos terapêuticos singulares, trabalhar adesão ao tratamento, acompanhar e manejar crises, produzir autonomias e cuidados integrais em saúde mental eram como ações decalcadas, pregadas nas páginas e reproduzidas por cientistas de gabinete e acadêmicos. Constituíam mundos separados e distantes: o da teoria e o da prática.

Pouco se operacionalizava com as oportunidades que emergiam no cotidiano da vida: a piada, a graça, o afeto e a gargalhada que poderiam alargar e agregar um rasgo de abertura a si, ao outro e ao mundo eram subestimados e invisíveis.

A seriedade representacional do profissional de saúde distanciava a aproximação, adiava a criação de vínculos e o encontro com o outro. De fato, barrava em muralhas hierárquicas impositivas, o tecer de vidas ora frágeis. As nossas e as de quem dizíamos acompanhar.

A recepção do serviço, logo pela manhã cedo, estampava corpos aflitos sobrecarregados de um intenso sofrimento de usos, abusos e dependências às múltiplas

¹⁴Destacamos o artigo original de Pereira MO, Vargas D, Oliveira MAF que fazem referências as principais leis e portarias da política do Ministério da Saúde brasileiro para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas sob a óptica da Sociologia das ausências e das emergências.

¹⁵ Destacamos os seguintes princípios: o processo de desinstitucionalização, a rede de cuidados realizada na comunidade, a inclusão social, a redução de danos na Política Nacional sobre Drogas. Sugerimos o documento: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

drogas. Entretanto, nós trabalhadores do serviço suspeitávamos de suas fortalezas latentes, esses corpos aflitos e sofridos recorriam ao serviço à procura de aliados, mesmo com dores e com desejos sedentos de transformar histórias. De recontar, com outros movimentos e intensidades, suas travessias. Não obstante seus esforços faltavam dispositivos internos para produzir aberturas. O instituído era sisudo, repleto de controle, de lições de moral, disciplinamentos e regras impostas e determinadas. Uma composição heterogênea, composta pelo plano de imanência, por movimentos e afetos, solicitava combinar pontos de intensidade, conjugá-los em pontos de singularidade, *pontos notáveis* de dois mundos diferentes, estranhos¹⁶. Outro modo tensionava passagem! Ou melhor, muitas outras entradas que desarmassem, sem desautorizar, nem rivalizar a instituição e o serviço, para produzir múltiplos atravessamentos de acolhimento.

Assim, em uma das habituais reuniões de equipe, profissionais do serviço ousaram tatear o mal-estar, enunciar o produto asséptico e insosso que produzíamos mês a mês num preenchimento quantitativo de produção sem questionamentos, ausente de encantamento, brilho e alegria; fraco de qualidade.

Pela primeira vez, ousamos perguntar por nós mesmos, pela nossa fraqueza e ausência de habilidade. Ousamos nos permitir a outros modos possíveis, em que a liberdade viesse conjugada por uma ética de cuidado. De modo que, também, fôssemos fortalecidos pelo compromisso e implicação de uma linha de fuga produzida pelas relações de poder do corpo de equipe. Tratávamos de potencializar o dispositivo CAPS AD, diluindo nossas vaidades e competências técnicas, para o reconhecimento não somente da dimensão visibilizada das relações de poder, mas da mistura do visível e do enunciável, numa atualização do diagrama das relações de forças. Assim, implicávamos-nos na produção de delineamentos de ausências e ousávamos realizar experimentações que prescindissem do modelo ensinado-aprendido, dado.

Foi nessa gagueira e nesse titubear que inauguramos o Acolhimento com Arte. Caixas de papelão emprestaram formatos para o labirinto artesanal com retalhos de panos coloridos que as mãos enxergavam num tecer de acontecimentos. De caixas a cestas de livros, revistas e jornais. A oferta deixada na recepção quebrou a arquitetura linear do chão, desdobrou uma trilha estriada, repleta de latentes linhas compostas de outras histórias.

A simples abertura favoreceu a expansão e a atualização do diagrama das relações de forças, instaurou composições a partir da fissura, com outra intensidade e

¹⁶Referência a Deleuze e Guattari, através do ensaio de Tadeu (2002): A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze.

movimento. Nas manhãs que se seguiram, um dos trabalhadores emprestou seu corpo-afeto-afetação à cena. O cenário foi um modesto movimento de circo mambembe que, anunciava sua primeira apresentação. Sem megafone, na recepção do serviço, com timbre grave adormecido há anos, rompendo as falas aflitas e dissonantes, perdidas sem abraços na recepção do CAPS AD:

- Bom dia! Sejam muito bem vindos! Estamos aqui para atender vocês! É um prazer vê-los tão dispostos, tão cedo do dia! Hoje teremos muito para produzir juntos! Sem nossas forças isso não existiria!

Sem *script* nenhum, a fala grave foi ao encontro das falas dissonantes e aflitas. Olhos se cruzaram e produziram outros haveres. Houve o inaugurar do sensível, do intuitivo, do imprevisto. E, nesse outro movimento, os ecos intensos da *performance* prosseguiu e, ousou solicitar:

- Sentem todos, todas! Vamos ver quem veio pela primeira vez... Pode ficar desse lado! Quem tem grupo e já veio ao serviço? Pode ficar aqui! Quem veio para algum atendimento individual, pode sentar por aqui. E quem já está conosco há mais tempo e puder falar algo para os que estão chegando hoje, pela primeira vez. Pode falar o que souber. Fale da vida, do serviço, fale para saber que quem chegou não está sozinho, conta conosco.

Tímidas falas, em sua fortaleza de liberdade retraída, acolheram os novos, se sentiram acolhidas... E depois desse momento, em direção as caixas de leituras, um dos livros foi suspenso e ecoou a escritura poética de Quintana (1987):

Amar é mudar a alma de casa,
é ter no outro, nosso pensamento.
Amar é ter coração que abrasa,
amar, é ter na vida um acalento.

Amar é ter alegria que extravasa,
amar é sentir-se no firmamento.
Amar é mudar a alma de casa,
é ter no outro, nosso pensamento.

Amar, é aquilo que embasa,
é ter comprometimento.
Amar é, voar sem asa,
e porque amar é acolhimento,
amar é mudar a alma de casa.

Com isso, apresentamos e tecemos os primeiros movimentos do Acolhimento com Arte, instaurando as dobras e desdobramentos de manifestações do sensível, para além das cristalizações do sofrimento.



**Acolhimento com Arte: acervo CAPS AD / 2007
(Fotografia manipulada)**

As atividades ecoavam e ganhavam aliados. Trabalhadores, parceiros, familiares, comunidade, instituições, Posto de Saúde, Hospital Geral, Escola e estagiários iam se aproximando e agregando fazeres. Nesse alinhavo, em tessitura sem acabamento, realizamos os Retalhos Poéticos, em maio de 2008.

3 RETALHOS POÉTICOS: A EXPANSÃO DOS AFETOS E DO CUIDADO EM SAÚDE

A diversidade de pensar-fazer começava a reconhecer o CAPS AD como uma potência para expressar modos de existir, de cuidar de si, do outro e do mundo. Entretanto, continuava desafiador ultrapassar muros institucionais e expandir atividades no território vivo, superando a repetição de um fazer mecanizado no invólucro físico-geográfico do serviço.

Romper, potencializar e produzir novos modos discursivos e não discursos de poder e saber, suplantar práticas estigmatizantes e fragmentadoras, através de pactos da equipe e com os parceiros, num alargamento de relações de forças e novas experimentações, sempre contínuas, com os vários dispositivos existentes da rede que concretizassem a intersectorialidade na perspectiva da integralidade.

Era uma entrada repleta de desafios a serem enfrentados: como operacionalizar, com heterogeneidade, a transformação de nefastas representações, identidades, preconceitos e classificações, do tipo: - *Ali é o lugar dos drogados e doidos?*

Atividade e Reatividade coexistiam. Jogos de poder e saber, também. Mas criar frestas e atravessar o entre, potencializando práticas com forças ativas, beirava arte, uma junção e conjugação de fios, linhas e retalhos, pelas tessituras das vidas, nas curvaturas da estética da existência e da intensificação pelo desvio.

Desse modo, as intervenções Retalhos Poéticos¹⁷ e Arte Postal¹⁸ ofereceram aberturas iniciais. Se a primeira procurou agregar uma produção coletiva, tencionada pelos jogos discursivos de relações e poder vigentes; a segunda se fez laçada ao personalismo e utilitarismo. Entretanto, ambas compuseram aberturas e criaram novas possíveis entradas e outras saídas para compor o território vivo e a comunidade, na produção de práticas de cuidados.



**Retalhos Poéticos– produções escritas dos parceiros:acervo CAPS AD / 2008
(Fotografia manipulada)**

Reconhecemos que num serviço desses, com tamanha complexidade, os conflitos, por vezes, são inevitáveis e necessários para o alargamento do pensar-fazer. Mas, por vezes, podem produzir forças reativas e paralisar.

É bastante irregular e delicado o traçado e a rotina de um CAPS AD. Assim, como podem operacionalizar movimentos e fluxos agregadores, podem barrar a operacionalização desses mesmos movimentos e fluxos, distanciando-se de seus princípios, manifestados através de guerras frias de egos, vaidades improdutivas e pela projeção e visibilidade personalista e estéril de alguns. Compreendemos a necessidade de acompanhamento desses movimentos por um supervisor no cotidiano da equipe, de forma sistemática e contínua, desvelando as nuances destes fluxos e promovendo a ampliação da equipe no sentido dos objetivos do trabalho.

¹⁷Retalhos Poéticos foi uma intervenção desenvolvida no serviço, em decorrência do mês da poesia, em 2008. Essa atividade foi desenvolvida como um dispositivo à produção de acolhimento e de práticas de cuidados, através do envolvimento de alguns parceiros, em diferentes processos, com a escrita poética. Essa atividade, além de disponibilizar livros de poesias na entrada do serviço, dispostos nas caixas tecidas com retalhos, intencionava agregar e desdobrar outros e novos processos. Uma das linhas de movimentos nessa atividade foi a participação de uma artista e coordenadora de outro CAPS AD, Karla Karenina que, lançou seu livro: *Era uma vez...e falou de seu processo de escrita e de existência estética*. Acesso: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/sarau-poetico-agita-caps-ad-1.642235>; em 06 de março de 2016.

¹⁸ Arte postal foi o nome dado a essa intervenção, desenvolvida por um dos artistas do serviço. Essa produção apontava uma quebra na lisura de postes de energia, através da afixação de pequenas peças artisticamente feitas em colagens, a partir de papel e recortes de revistas. Além disso, produzia outra e nova relação com a comunidade ao redor, mesmo sendo produzida individualmente pelo artista plástico, junto ao grupo que acompanhava. Distinto disso, de modo coletivo e integrador de fluxos potentes e ativos com o externo, realizamos desde 2007: Cine CAPS (2009), Arte na Praça (2008), Luau Tô de Lua? (2007 e 2008) e Festivais de Pipas (2007, 2008 e 2009). Além dessas intervenções, tivemos um Projeto bem maior, ousado e amplo, financiado pela Secretaria Cultural e do Esporte do Município da Cidade de Fortaleza, denominado Ingerindo Histórias (2008).

Procuraremos a seguir apresentar e expor os agenciamentos¹⁹ realizados em ocasião das atividades denominadas: Grupo Narrativo, Arte na Praça, Festival de Pipas e Luau Tô de Lua. Essas atividades com elementos rudimentares de arte serviram para delinear uma produção teórico-prática sobre a ética do cuidado em saúde.

4RETALHO-LINHA-PAPEL-BRINCADEIRA-DANÇA-FOGO-HISTÓRIAS: A EXPANSÃO DA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA E DE OUTRAS COMPOSIÇÕES AO CUIDADO

Foi a partir da intervenção de Retalhos Poéticos, realizada coletivamente que nos dispomos a rever os trajetos internos e externos, de modo mais intenso e expansivo.

Nesse processo reconhecíamos que um de nossos maiores desafios, veiculado historicamente, era a ruptura com a lógica da pobreza, redutora de vida e autonomia, cristalizada em relações de assistencialismo puro, assujeitamentos e desvalorização do saber e do conhecimento cultural do outro.

Desse modo, propúnhamos experimentações que criassem outros espaços-tempos, de diluição da lógica dualista materializada através de oposições, como: doutor-paciente, rico-pobre, bonito-feio, bom-mau, jovem-velho, infantil-maduro.

Assim, produzíamos diferentes forças intercessoras, como no Grupo de narrativas: cavalo-homem-criança, o poeta-dândi-solvente, o ônix-Escher-pastor, o forte-bolha-míope e a caneta-tocha-javali²⁰. Elas produziam fragmentos narrativos irregulares, cruzados, inacabados, sem pontuação, interpretação ou indagação. Eram traçados e linhas sem formas organizadas. Um fio de fragmento narrativo fisgava e desprezava o seguinte. Fazia uma composição que juntava sem dar forma acabada.

Um jogo lúdico, *sem pé nem cabeça*: de morte, compunha lago, que agregava ponte, que atirava pedra, que inventava sol, que alisava a linha, que tecia rabos de pipas, que criava braços e abraços. Nesse jogo de junções, a imagem criança-grito abre espaço para um recorte de rabo de arraia-cerol-linha-cores²¹.

¹⁹Segundo Deleuze (1988): *A unidade real mínima não é a palavra, nem a idéia ou o conceito, nem o significante, mas o agenciamento. É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, tampouco não se referem a sujeitos como sujeitos de enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, populações, multiplicidades, territórios, devires, afetos, acontecimentos* (DELEUZE, 1988, p. 42)...*É uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, através das idades, sexos, reinos – de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma “simpatia”*(DELEUZE, 1988, p.84).

²⁰Esses nomes compostos são enunciados atravessados por blocos de emoções, conjugam e intensificam os movimentos de experimentação do grupo, sem caracterizar ou representar os participantes. Esses blocos de emoções são linhas estriadas, por isso são irregulares, ora se aproximam, ora se afastam, ora se bifurcam, ora se tangenciam, em constantes interrelações de aberturas e fechamentos, agregando novas aberturas e composições de cuidados em saúde.

²¹Quando esses elementos foram colocados pelas forças do grupo, uma voz interpelou e desconcertou a todos, indagando: - Bora fazer um Festival de Pipas? Tá perto do dia do folclore?! E, podemos divulgar nossa cooperativa e nosso serviço! Logo, foram rabiscadas ideias, com contornos que pediam mais linhas, de outras cores, com diferentes espessuras e tamanhos. Linhas diversas:

O desafio era traçar métodos, modos de produzir práticas integrais. Métodos rigorosamente tecidos no fazer, mas sem rigidez. Métodos criados pela lógica dos princípios da reforma psiquiátrica brasileira, mas sem a ordem meramente representativa e quantitativa.

Ao invés da explicação e interpretação, sucessivas experimentações. Ao invés de meras informações, a produção de composições e afetos. Ao invés da cópia e reprodução, a invenção e a criação. Mas, para isso, havia uma referência e, esta era pautada em dispositivos que impulsionassem uma estética e a existência.

Aglutinar, aliar e conjugar... Com delineamentos e outras linhas incorporamos:

4.1 Linha *Festival de Pipas*

O Grupo de Narrativa²² potencializou a produção de uma experimentação coletiva externa e interna ao serviço, denominada Festival de Pipas²³, efetivada através do compartilhamento de ideias dos participantes no grupo, num instante de aconteceres e devires, onde a força da mão sustentou o fio e o vento, lançou num vôo de liberdade piruetas à vida, num eco de gargalhada e alegria compondo cenas...

Num momento-instante de vento mais forte, onde a mão guia a puxada do fio para elevar a pipa que, numa cena corriqueira, intercedem novas composições e desdobramentos à vida. As lutas contra os ventos desfavoráveis, aliam-se aos ventos potentes, na malemolência flexível da vida, numa instrução sem manuais a priori, para prosseguir à existência. Para tencionar produções entre técnica e arte, ética e política. O pensar fazendo e o fazer pensando... Criar e inventar devires e aconteceres, onde se intensifiquem e se produzam os traçados do cuidado.

oficina de pipas; visitas de campos; participação de gerações, envolvimento de familiares, crianças e adultos da comunidade; convites à escola e ao Posto de Saúde. Assim, mais um processo, envolvido com arte popular foi desdobrado, iniciada sua primeira edição em 2008. A extensão dessa intervenção se deu muito mais pelo processo, como foi inventivamente tecido e ativo para vários outros grupos, envolvendo a grande parte dos trabalhadores, pela sua implicação e adesão de possíveis outros modos de cuidar e ser cuidado, do que pelo Festival de Pipa em si. Acesso: <http://easycoop.com.br/Noticias/View.aspx?id=5715>, em 06 de março de 2016 e <http://www.vermelho.org.br/noticia/135405-61>, em 06 de março de 2016.

²²Grupo desenvolvido, desde 2007, com um número médio de seis participantes. Seu objetivo consistiu em produzir autonomias e corresponsabilidades coletivas de modos plurais de cuidados, partindo dos próprios processos desencadeados durante os encontros. O grupo era fechado, com tempo de vida demarcado, com avaliação sistemática e contínua. Entretanto, poderia ser continuamente revisto para a incorporação de novos participantes. Eram priorizados os participantes com mais tempo acompanhado pelo serviço, isto é, mais de um ano. Sua estrutura de funcionamento era elucidada pela processualidade de narrativas e temáticas trazidas pelos seus componentes, sem um planejamento *a priori*. Mas, havia três momentos que eram interligados e indissociados, denominados: 1. Aquecimento-acolhimento das narrativas; 2. Produção de frestas narrativas e 3. Tecer outras narrativas. Seu tempo era em torno de duas horas e meia e, utilizava de expressões: oral, escrita, corporal, poética, teatral, fotográfica e pictórica. Foi desenvolvido por dois psicólogos que, em alguns momentos, utilizavam de pequenas narrativas orais populares e escritas em livros literários, como constituinte colaborativo para o desdobramento de outras narrativas e ações coletivas que pudessem ser fiadas pelos participantes.

²³ Ver: <http://www.aids.gov.br/noticia/no-ceu-uma-diversidade-de-cores-e-de-sincronia-de-movimentos-na-terra-criancas-ouviam-histor> e <http://easycoop.com.br/Noticias/View.aspx?id=5715>, acessados em: 01/03/2016.



**Festival de Pipas: acervo CAPS AD / 2008
(Fotografia manipulada)**

4.2 Linha Arte na Praça



**Arte na Praça – Ciranda: acervo CAPS AD / 2008
(Fotografia manipulada)**

Comemorávamos, diariamente, a magia e a técnica de implicar e bordar atravessamentos. O aniversário do primeiro ano do CAPS AD foi visibilizado na Praça da Granja Portugal. Com brincadeiras - peteca, cirandas, jogos de pescaria, corrida de saco, cabra-cega²⁴ - divulgava-se o trabalho do CAPS AD, bem como, com a disponibilização de materiais de prevenção em DST's/Aids, produzia-se ali uma *parrhesía*²⁵ (fala franca), onde vozes compunham a polifonia de falas devires-cuidados, sempre por agregar, numa insistente teimosia com a invenção de si, atravessada pelo outro, em intersecção com o mundo, sem desprezar a política, a ciência, a arte e a ética.

A experimentação, a partir do microcosmo local, favorecia a expansão de territórios, abria o devido aprofundamento, menos indiferente, padronizado e perpetuador de desigualdades e exclusões, num fluxo de interlocutores plurais, na produção de outros contornos, onde reconheciam a frágil fortaleza com arte, Tateando um trabalho em Saúde

²⁴São jogos e brincadeiras populares, familiares aos parceiros do CAPS AD.

²⁵ Sobre aspectos das relações profissionais, a partir da ética da palavra, sugerimos o artigo de Caprara e Rodrigues (2013): <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/1393/967>

Mental, nos seus legítimos processos transgressores, a trapacear um capitalismo perverso e neoliberal.

4.3 Linha *Luau Tô de Lua: Qual é sua Lua?*

A escolha do espaço, um descampado ao Luau, ousou aproximações com outros tons do local ermo e habituado de cenas de uso de crack. Aquecer os corpos, sem queimar os dedos e produzir a fissura habitual com outras substâncias-potências de alterações dos sentidos: a imagem, o encontro, a textura, a *poíese*; deslocar por um instante a quem estava preso e se deixava prender pela crença reduzida de viver, apenas, com a alteração de pedras de crack para a conjunção de perceptos heterogêneos, misturados às estrelas e ao luar; lançar-se num movimento de rodopio cadente, deixar-se levar na roda por mãos que te sustentam, mas te libertam; perceber-se em um espaço mesmo, mas outro, por outro modo diferente de estar e de ocupar este espaço.

Ofertar histórias, canções e jogos cooperativos, experienciar a força da lua cheia buscando a aproximação com outros que, ainda, desconheciam o serviço. E, profissionais, parceiros, familiares, agentes comunitários, comunidade e grupos de contadores de histórias desafiavam quebrar a linearidade daquele local, outrora esquecido de pintar e bordar outras cores, outros tons, movimentos e imagens.



Lua! Qual é sua Lua? Acervo CAPS AD / 2008
(Fotografia manipulada)

5 CONSIDERAÇÕES

A proposta desse trabalho foi delineada, intencionalmente, pelo seu estilo. As construções textuais e configuração dos parágrafos se fazem num estilo que se avizinha a uma produção literária, numa aproximação, em ato, do rigor científico e da temática proposta.

A plasticidade da escrita busca deslocar o leitor de uma racionalidade instrumental e lógica cartesiana, convocando-o a recompor uma reflexão em torno da ética do cuidado, da estética de existência, através de produções de imagens multifacetadas de possibilidades e indagações.

O que pode, inicialmente, nesse artigo configurar como um estilo literário, dando margem para uma imprecisão objetiva na leitura, intenciona a aproximação entre a arte e a ciência, o objetivo e o subjetivo, a ciência e a vida. O uso de metáforas, adjetivações e eufemismos, almeja uma escrita científica que se distancie de uma linearidade lógica.

Outra construção estilística se fez oportuna para apresentar as composições apresentadas, através das experimentações-intervenções realizadas no CAPS AD, tangenciadas pela criação e invenção cotidiana, num fluxo com a estética da existência.

Se a narrativa tradicional está perdida pelo fim de nossa capacidade de veicular experiência, a composição fragmentária de diferentes forças heterogêneas reinventa e agrega a linguagem infantil do homem, pelas frestas de um enunciado ausente.

As histórias, tramas, aberturas, inacabamentos, delineamentos, em contínuos espaços-tempos de experimentações, alargam um mapa de traçados entre a ciência e a arte, a técnica e a política.

A estética da existência aliada à ética do cuidado tencionam novas questões que, parecem esquecidas pela tradicional e infundável trajetória da saúde-doença.

A clínica ampliada, clínica social, clínica da existência estética, a prática de produção em saúde mental são juntas, a mesma coisa, em sua diferença de produção. São processos contínuos e inacabados de outro cuidar na clínica psicossocial, atravessado pela atualização, sempre nova e diferente, da reforma psiquiátrica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*. Torino: Giulio Einaudi, 2001.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia, técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. 4 ed. SP: Brasiliense, 1996 V.1. p. 114-119

_____. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia, técnica, arte e política*. Obras escolhidas. 4 ed. SP: Brasiliense, 1996 V.1. p. 197-221.

_____. Questões introdutórias de crítica do conhecimento. In: *Origem do drama barroco alemão*. SP: Brasiliense, 1984. p. 49 - 79.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, N. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr 2002.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005.

CAPRARA, Andrea e RODRIGUES, Josiane Vasconcelos. A ética da palavra nas relações profissionais de saúde-paciente. *Revista Idéias*. SP: Campinas. 1 semestre.

2013. 1(6): 59-76. Disponível em:

⟨<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/1393/967>⟩. Acesso em: 03 mar. 2015.

COSTA, PHA et al. Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa de literatura. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. fev. 2015; 20(2): 395-406.

Disponível em:⟨<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63035372010>⟩. Acesso em: 01 jan. 2016.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. In: *Arte, política e educação em Walter Benjamin*. SP: Loyola, 2006. p. 55 – 75.

Diário do Nordeste. Sarau poético agita CAPS AD, em 15 mar. 2010. Disponível em:

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/sarau-poetico-agita-caps-ad-1.642235>. Acesso: 01 jan. 2010.

DST-AIDS e Hepatites Virais. No céu, uma diversidade de cores e de sincronia de movimentos. Na terra, crianças ouviam histórias, remetendo..., em 23 agosto 2007.

Disponível em: ⟨<http://www.aids.gov.br/noticia/no-ceu-uma-diversidade-de-cores-e-de-sincronia-de-movimentos-na-terra-criancas-ouviam-histor>⟩. Acesso em: 23 set. 2007.

EASYCOOP: Cooperativismo em revista. CAPS AD realiza festival de pipas como projeto, em 23 agosto 2007. Disponível em: ⟨<http://easycoop.com.br/Noticias/View.aspx?id=5715>⟩.

Acesso: 23 set. 2007.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. 2 ed. SP: Martins Fontes, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. SP/Campinas:

FAPESP/Perspectiva/ ed. UNICAMP, 1994.

_____. *Infância e pensamento*. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. RJ: Imago, 1997. p.169 – 183.

PEREIRA M.O., VARGAS D, OLIVEIRA M.A.F. Reflexão acerca da política do ministério da saúde brasileiro para a atenção aos usuários de álcool e outras drogas sob a óptica da Sociologia das ausências e das emergências. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.). jan.-abr. 2012;8(1):9-16. Disponível em:

⟨<http://www.revistas.usp.br/smad/article/view/49597>⟩. Acesso em: 03 de jan. 2016.

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*. 4 ed. RJ: Globo, 1987.

KOHAN, Walter O. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SARAMAGO, José. *A maior flor do mundo*. Porto: Ed. Porto, 2015.

SCHÉRER, René. *Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TADEU, Tomaz. *A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze*.

Revista Educação e Realidade. RS: Porto Alegre. Jul.-dez. 2002;27(2):47-54. Disponível em: ⟨<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/25915/15184>⟩. Acesso em: 01 de fev. 2015.

Vermelho Portal. *Festival de Pipas ajuda na reabilitação de usuários de drogas, em 20 agosto 2010*. Disponível em:⟨<http://www.vermelho.org.br/se/noticia/135405-61>⟩. Acesso em: 01 jan. 2015.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria a psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2000. 456p.